

FLORES

Uma das melhores figuras da Câmara continua sendo o general Flores da Cunha. Andou ele por engano metido a poder executivo e outras aventuras em seu Estado. Seu lugar é no Parlamento, onde, entre lógicos, sofistas, bacharéis, técnicos, políticos e líderes, nesta república surrealista cheia de fantasmas estranhamente cartesianos, ele é, sobretudo, um homem de coração. Coração é força e fraqueza: o velho Flores representa muitas vezes, com seu forte e pitoresco tom regional, algumas das melhores virtudes e também alguns dos melhores defeitos do homem brasileiro. E há coisas que só ele pode, sabe e deve fazer. O general é advogado, mas o advogado não é um jurista, é um sentimental. Pedindo que o nosso Legislativo interceda junto ao presidente Eisenhower para comutar a sentença de morte do casal Rosenberg, o general está dando voz a um mal-estar até agora silencioso, mas real e confrangedor da opinião brasileira. É inútil dizer que ao governo dos Estados Unidos e não a nós cabe zelar pela sua segurança. Também seria inútil pôr em dúvida a correção com que agiu, dentro de suas leis, a justiça americana. Não sei mais se foi Truman ou Eisenhower que disse que a traição dos Rosenberg pode custar a vida de milhares de americanos. O fato é que não custou, pois a guerra atômica contra a Rússia não houve.

Mas a questão não é de lógica nem de direito. O que faz mal a nós todos é essa longa, terrível agonia do casal; é a frieza insuportável da pena de morte. Não se trata de dois condenados sem remédio, mas de duas pessoas que agiram por convicção e não por interesse. E se eles são realmente espíões, ainda assim diferem em alguma coisa do outro tipo de espião, aquele que, por exemplo, dá ao inimigo o horário e a rota de um navio. Tecnicamente pode ser a mesma coisa; sentimentalmente não é. Sentimentalmente poderiam os Rosenberg alegar que sua traição não visava matar ninguém, mas impedir, pelo equilíbrio de armas, que a guerra chegasse ao horror maior das explosões atômicas. E mesmo já bastaria para nos comover o fato dos dois condenados serem um casal — um casal unido, com filhos menores, crianças que, meses e meses, esperam, numa agonia que é o pior dos castigos, a execução dos pais. Quem terá o direito de dizer sequer que a execução dos Rosenberg será útil, que o seu perdão animará outros traidores? É bem o contrário o que se imagina: esse perdão faria com que o criminoso que viesse depois recebesse com mais decisão a pena capital. Há quem alegue a facilidade com que se mata do outro lado, na Rússia. Sim, lá muito se mata, e antes de matar se tortura, se enlouquece, se humilha até a suprema degradação. Mas será esta a lição que devemos copiar da Rússia?

Não sei se o advogado Flores conseguirá fazer alguma coisa pelo casal Rosenberg. O que ele está defendendo não é apenas o casal; é nossa consciência e nosso sentimento de brasileiros que sua voz generosa vem exprimir e aliviar.

11/6/53

R. B.

409